

A INSERÇÃO DA CRIANÇA HAITIANA NO AMBIENTE ESCOLAR BRASILEIRO: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE PORTO VELHO

Angélica Paixão dos Santos¹
Maquézia Suzane Furtado dos Santos²
Marília Lima Pimentel Cotinguiba³

RESUMO

Na presente comunicação, nosso objetivo é refletir sobre as dificuldades enfrentadas por dois grupos, por um lado, pela equipe pedagógica e por outro, pelas crianças haitianas na cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, frente a ausência de políticas públicas concernentes à inserção social de crianças imigrantes no ambiente escolar. Neste trabalho levaremos em consideração as diferenças étnicas e linguísticas, de um ponto de vista relativista (Da MATTA, 1981), pertinentes às crianças imigrantes, com o objetivo de evidenciar o estranhamento fomentado por uma visão etnocêntrica (ROCHA, 1984), no ambiente escolar, resultante do encontro com crianças brasileiras. Para isso, utilizaremos como referencial metodológico uma pesquisa de campo com observação participante, realizada em janeiro de 2015, por membros da equipe do Grupo de Pesquisa Migração Memória e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB – do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia. Resultados preliminares indicam que a barreira linguística e a inexistência de uma política migratória são os principais fatores que dificultam a inserção das crianças haitianas no sistema formal de ensino na cidade do Porto Velho.

PALAVRAS CHAVE: imigração haitiana, crianças, educação, políticas públicas;

APRESENTAÇÃO

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados de uma pesquisa de campo com observação participante, realizada no segundo semestre de 2014 e nos primeiros meses de 2015, que culminou na ministração de aulas intituladas “minicurso rápido para crianças haitianas. Observamos, no decorrer das aulas, quais dificuldades elas encontraram ao se

¹ Graduanda em Letras da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira/MIMCAB.

² Graduanda em Ciências Sociais da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira/MIMCAB.

³ Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Líder do Grupo de Pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira/MIMCAB.

socializar com crianças brasileiras no ambiente escolar, principalmente com relação a barreira linguística e a falta de preparo dos profissionais da equipe pedagógica em atender essa demanda. Vimos, nesse sentido, a ausência de políticas públicas que pudessem dar o suporte necessário aos atores sociais envolvidos no processo de escolarização desses imigrantes.

Para realizarmos a pesquisa e nos apoiarmos teoricamente, foram utilizados recursos metodológicos que estão disponíveis na Antropologia, como os textos clássicos, o qual destaca-se Malinowski (1978) e seu método etnográfico de pesquisa, bem como a observação participante baseada em dados qualitativos de pesquisa, que segundo Gilberto Velho (1978) constitui como marca registrada a entrevista aberta, o contato direto e pessoal com o investigado. De acordo com esta perspectiva, foram realizados diversos contatos com as crianças, visitas na escola e conversas com o apoio pedagógico da escola Estadual de Ensino Fundamental Hebert de Alencar, no município de Porto Velho, capital de Rondônia, visando um contato maior com o objeto de pesquisa, isto é, a inserção social da criança haitiana no ambiente escolar.

Evidentemente, estamos longe de obter informações fidedignas a respeito do universo da criança haitiana, sobretudo pelo fato de nossa pesquisa ainda ser incipiente e, por isso, ainda não possuímos afirmações cabais a esse respeito.

Na esteira de DaMatta (1984), foi necessário o exercício de se pôr no lugar do outro, exercitar a alteridade, a fim de compreender de forma mais ampla as relações entre as crianças haitianas e todo o contexto escolar brasileiro no qual estão se inserindo. Lançamos mão, por conseguinte, da pesquisa dita qualitativa, especialmente no sentido dado por Flick (2004).

A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL

A imigração haitiana para o Brasil se intensifica a partir do início de 2010, por vários fatores, inclusive após o convite de autoridades brasileiras no país (COTINGUIBA, 2014) e, também, em parte pelo agravamento da situação do país, após o terremoto de 2010. Assim, uma gama de fatores colocou o Brasil numa das rotas migratórias deste povo que há muito, possui o hábito de migrar para diversas localidades do mundo.

O Haiti é um país caribenho, com 27.750 quilômetros quadrados e uma população de 10,1 milhões de pessoas. Por estar numa área de falhas geológicas, e por ter um solo erosivo oriundo basicamente de desmatamento, sofre com as mudanças climáticas e os riscos de furacões e terremotos provenientes do encontro das placas tectônicas do Caribe e da placa norte-americana. Porém, não se tem registro de um terremoto tão devastador quanto o que

atingiu o país em 12 de janeiro de 2010 e marcou 7.3 de magnitude na escala Richter matando mais de 200 mil pessoas em menos de um minuto.

Os principais destinos dos imigrantes haitianos no Brasil foram os estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul. A região Norte foi a porta de entrada, como apontam os pesquisadores Geraldo Castro Cotinguiba e Marília Lima Pimentel Cotinguiba (2014),

A principal rota percorrida pelos haitianos para entrada no Brasil compreende um ponto comum até uma determinada parte da viagem e, noutro, se distingue em dois para a entrada no país. Os dois pontos de entrada são Tabatinga, no estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia e o segundo, em outro ponto semelhante, entre Brasil, Peru e Bolívia (p. 80).

A cidade de Porto Velho, por ser uma rota de passagem terrestre para outros estados do Brasil e também pela realização de alguns empreendimentos de expressão, como a construção de duas usinas hidrelétricas geradoras de fonte de renda e circulação de fundos monetários, figura com uma das cidades que mais receberam haitianos, especialmente de 2011 a 2014.

A IMIGRAÇÃO HAITIANA EM PORTO VELHO

A cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, está localizada na Amazônia ocidental brasileira. Faz limites com os estados do Acre, Amazonas e Mato Grosso e fronteira com a Bolívia. Conforme já apontamos, é uma das portas de entrada de imigrantes haitianos, já que, dentre outros motivos que já citamos, houve um aquecimento na construção civil e uma ampliação na área de serviços e no comércio local.

A imigração em Porto Velho ocorre como um ponto de permanência temporária para muitos haitianos que desejam “adentrar” o país em busca de trabalho e melhores condições. Mas, há aqueles que preferem ficar, pois como já foi mencionado, a capital de Rondônia, oferece postos de empregos e como eles mesmos dizem “o clima quente é parecido com o do Haiti”. É impossível precisar o número de indivíduos que vivem na cidade, pois como afirmam Assis, Cotinguiba-Pimentel, Santos & Santos (2015) estima-se que cerca de 1500 haitianos habitem atualmente a capital.

A inserção social se dá majoritariamente através do trabalho. É no local de trabalho que eles têm maior contato com a língua portuguesa, com as expressões populares, com a música, e nos mais variados aspectos da cultura brasileira. Os haitianos em Porto velho estão

distribuídos nos postos de trabalho, conforme aponta Cotinguiba e Pimentel (2014), principalmente nos ramos da construção civil, comércio, serviços, limpeza e conservação urbana.

O GRUPO DE PESQUISA MIMCAB E O PROJETO DE EXTENSÃO DA UNIR

O projeto de extensão universitária da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, *Migração Internacional na Amazônia Brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho*, foi criado com a intenção de proporcionar aos imigrantes haitianos uma melhor desenvoltura na inserção sociocultural, atuando no ensino da língua portuguesa. A partir do projeto de extensão, foi criado um grupo de pesquisa intitulado, *Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB* com o intuito de estudar as migrações, especialmente no Brasil.

A equipe que compõe o projeto e, conseqüentemente, o grupo de pesquisa é formado por docentes, discentes do mestrado acadêmico em letras, em estudos literários e acadêmicos de cursos de graduação (Letras-Português, Letras-Inglês, Ciências Sociais, Arquitetura e História), que colaboram voluntariamente com as aulas para os imigrantes.

A CRIANÇA IMIGRANTE HAITIANA

Várias circunstâncias fazem com que os haitianos emigrem para o Brasil, entretanto todas giram em torno da busca por uma melhor qualidade de vida, um lugar onde ele possa encontrar mais e melhores oportunidades. O imigrante adulto chega ao Brasil em busca de um trabalho, que de acordo com Sayad (1998, p. 55), é o que faz "nascer" o imigrante, em busca também de melhores condições, onde ele possa se estabelecer socialmente. A criança, acompanhada por seus pais ou por outros membros da família, geralmente, chega ao Brasil por um desejo que não parte exclusivamente dela, mas um desejo sobretudo de seus responsáveis que trazem seus filhos na espera de encontrar um lugar com melhores condições para criá-los, pensando, principalmente em uma melhor educação.

De acordo com Cotinguiba (2014) “Migrar é uma prática que faz parte do imaginário coletivo haitiano”, portanto desde muito cedo a criança haitiana é motivada pelos seus pais a migrar, tanto que chega a almejar isso apropriando-se da inocência quanto as dificuldades que enfrentarão no ato da imigração.

Ao ingressar no novo país a criança haitiana, assim como qualquer outro imigrante, se não souber a língua deste novo local necessitará imediatamente aprendê-la para que assim

ela possa se comunicar com as pessoas. Os primeiros meses são sempre os mais difíceis, pois a língua, a cultura e o sistema em que está organizado o país é diferente do país de onde veio. Inserir-se em uma nova sociedade requer tempo, o impacto causado por essa nova realidade faz com que o imigrante de um modo geral, principalmente as crianças, se fechem. O que é natural, mas tem caráter negativo para a inserção, especialmente quando se quer aprender uma nova língua.

Ao acompanharmos algumas crianças haitianas que ingressaram na escola pública em Porto Velho, percebemos o quão grande é o impacto e o estranhamento causado por essa mudança. Como já mencionamos acima, as crianças em seus primeiros meses no Brasil se fecham por medo, vergonha, timidez, o que acaba impossibilitando um bom desenvolvimento escolar. As que já estão um pouco mais de tempo, por mais que ainda sintam muitas dificuldades se mostram mais desinibidas, participam das atividades escolares e ajudam os demais, já que podem se comunicar com mais facilidade – por meio da língua.

O APRENDIZADO DA LINGUA PORTUGUESA COMO FORMA DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS HAITIANAS NO AMBITO ESCOLAR PUBLICO BRASILEIRO

O cenário de crianças migrantes nas escolas públicas brasileiras não é novo, desde o século XIX quando chegaram os filhos de imigrantes europeus que trouxeram consigo as expectativas e anseios de estudar em um novo país, a barreira linguística sempre se fez presente, portanto, o aprendizado da língua portuguesa para crianças haitianas é um desafio tão necessário quanto para adultos migrantes, visto que para que haja inserção delas junto à comunidade local, o ambiente escolar e o aprendizado da língua portuguesa é seu ponto de partida para a inclusão.

Durante a pesquisa com observação participante na escola estadual de ensino fundamental Hebert de Alencar, observamos que as escolas públicas brasileiras não estão preparadas para receber essa demanda, mediante o governo brasileiro não dispor de políticas públicas de inserção de crianças imigrantes.

Nessa perspectiva, a equipe pedagógica se mostra desafiada – inclusive por essa ausência de uma política voltada para essa população – a apresentar competência diante de uma situação que é desanimadora. Ao ouvirmos o relato da diretora e de uma secretária, pudemos compreender que a falta de políticas públicas é o maior obstáculo que as escolas, principalmente as de ensino fundamental, enfrentam diante do fenômeno da imigração de crianças haitianas em Porto Velho, quais sejam, a tradução, no momento da realização de

matrículas, de documentos do francês para o português – visto que o francês é a língua dos documentos oficiais –, pois o governo não dispõe de tradutor para facilitar a compreensão dos documentos; a metodologia aplicada para que o processo de aprendizagem do idioma e da adaptação obtenham êxito; o acompanhamento escolar nas tarefas diárias, entre outros.

Acompanhamos o caso de duas crianças haitianas na escola Hebert de Alencar, que estavam matriculadas no 3º ano do ensino fundamental e possuíam um domínio da língua portuguesa somente devido à convivência com crianças brasileiras. Elas se recusavam a falar para a professora suas dificuldades, suas dúvidas com relação ao conteúdo e choravam constantemente. Em sala de aula o rendimento era baixo, embora a assiduidade fosse elevada, as professoras não conseguiam entender o que diziam, o que tornava a relação desfavorável para ambos. Somente depois de muito conversar e com a ajuda de tradução de outros alunos haitianos, a equipe pedagógica descobriu que as crianças citadas estavam desmotivadas por já terem cursado a série em que estavam lá no Haiti e não sabendo expressar-se em português, ficavam acanhadas e aflitas em demonstrarem tal situação.

AULAS NO MINICURSO RÁPIDO DE FÉRIAS

As aulas no “minicurso rápido de férias” compreenderam o período de 20 a 31 de janeiro de 2015. Período em que crianças brasileiras encontravam-se de férias, e, portanto, pudemos utilizar os espaços físicos de sala de aula. Deu-se assim o início do curso na escola pública estadual Hebert de Alencar, localizada em um bairro onde há grande concentração de residências de imigrantes haitianos. As 15 crianças que compareceram as aulas estavam frequentando, pois como indica a LBD – Lei de Diretrizes e Bases da Educação- em seu artigo 24 do Capítulo II, a escola pode avaliar e promover alunos mediante testes escolares feitos para validade e equiparação da série escolar.

Dessa forma, os alunos que participaram das aulas encontravam-se em diferentes níveis do aprendizado e faixas etárias, entre meninos e meninas, mas tinham um único objetivo, o de aperfeiçoar o conhecimento em língua portuguesa para fazer os testes de validação e conseqüente ingresso na rede pública de ensino. As aulas eram matinais e contou com a presença de membros do projeto MIMCAB que se disponibilizaram a ministrar as aulas para as crianças. Algumas, por terem residido bastante tempo na República Dominicana – país vizinho ao Haiti e de predominância do idioma espanhol –, conseguiam assimilar mais rapidamente o português devido a semelhança de algumas palavras. Outras, por só saberem falar o creóle – língua materna dos haitianos – apresentavam pequenas complicações de

entendimento, o que sanávamos mostrando figuras e depois o correspondente em créole. Durante o curso, as que permaneciam com dificuldades eram acompanhadas mais de perto pelos professores, que, dessa maneira, contribuíram para que ficassem no mesmo nível das outras crianças.

Finalizamos as aulas em 31 de janeiro de 2015, com participação assídua e sensação de dever cumprido, doravante agora as crianças estarem um pouco mais preparadas para realizar os testes exigidos pela diretoria da escola para equiparação e nivelamento da série escolar. Após realização dos testes, as que foram aprovadas realizaram matrículas na própria escola ou buscaram em outras da região.

No decorrer do curso, foram viabilizados meios de aprendizagem cuja a interação se deu através de um olhar relativista (DaMatta,1981), no qual pudemos observar que a troca de experiências proporcionou um intenso leque de aprendizado tanto para os alunos quanto para os professores.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Para crianças e adolescentes imigrantes é mais complicado e delicado falar de políticas públicas, visto que pela ausência, a margem de erros em aplicar qualquer abordagem é grande. Nosso objetivo nesta comunicação não é adentrar a temática em sua totalidade, mas perfazer um caminho que poderia facilitar o ingresso das crianças haitianas numa escola da rede pública de ensino e, conseqüentemente, sua inserção social dentro e fora do ambiente escolar.

A Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) em parecer consultivo divulgado em 19 de agosto de 2014, propõe analisar a criança migrante como aquela que “migra por motivos diversos, seja por reagrupação familiar, procura de melhores condições econômicas, sociais ou culturais, para fugir da pobreza extrema, da degradação ambiental, da violência ou de outras formas de abuso e perseguição à que se veem submetidas” (p. 3).

No caso de crianças haitianas que migraram para o Brasil, boa parte veio com o pai, a mãe ou outro parente, configurando um processo de reagrupamento familiar. Nesse procedimento, a educação entra como ponto de apoio para a inclusão social, pois permite que o aprendizado lhes assegure meios de melhoria de vida, juntamente com seus pais. Porém, pela ausência de políticas públicas, e pela barreira linguística, elas têm encontrado dificuldades de se adaptar, ao passo que por outro lado, motivados por uma visão etnocêntrica (ROCHA,1984) pela qual a visão do mundo é tomado por aquilo que nos rodeia, e que todos

as outras coisas são pensadas e sentidas conforme nossos valores, crianças brasileiras ao se deparar com o fenômeno da imigração dentro de sala de aula, se tornam eloquentes reprodutores de discriminação o que resulta no chamado *bullying* e que gera nas crianças haitianas, desmotivação, desadaptação e em alguns casos até depressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível detectarmos o quão é importante e urgente a criação de políticas públicas voltadas para crianças imigrantes, pois ao acompanharmos o caso das crianças haitianas que buscavam ingressar na escola pública na cidade de Porto Velho vimos a difícil trajetória enfrentada por elas e pela equipe pedagógica ao fazer a matrícula escolar por falta de preparação dos profissionais da área.

Pudemos também nos atentar que não só a falta de políticas públicas dificulta a inserção escolar das crianças haitianas, mas também o estranhamento que elas têm ao chegar no Brasil causado pelas diferenças culturais e linguísticas, além das situações de etnocentrismo manifestado por crianças brasileiras.

Contudo, mesmo com as dificuldades apresentadas, notamos a grande participação demonstrada por elas quando resolvermos ministrar um minicurso para que elas pudessem realizar a prova de nivelamento oferecida pela escola na qual buscavam vagas para estudar. Desse modo, a utilização do método da pesquisa de campo com observação participante possibilitou-nos ter uma visão mais ampla da inserção das crianças haitianas na escola, em Porto Velho e, de igual modo, permitiu-nos vislumbrar a continuidade de mais pesquisas na área, para que possamos aprofundar os estudos e, posteriormente apresentarmos resultados mais contundentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Washington Luiz dos Santos, COTINGUIBA-PIMENTEL, Marília Lima, SANTOS, Angélica Paixão & SANTOS, Maquézia Suzane Furtado. Inserção sociocultural de haitianos em Porto Velho: o ensino e aprendizado da língua. (no prelo). In: **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé**. Porto Velho, 2015.
- EBC, Agência Brasil. “**Cinco Anos Depois, Terremoto que Devastou Haiti Ainda Deixa Marcas Pelo País**”. Edição de 12 de janeiro de 2015. Acesso em 04 de junho de 2015. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-01/cinco-anos-depois-terremoto-que-devastou-haiti-ainda-deixa-marcas-pelo> .
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Revista de Antropologia, pág. 39, nº1, 1996.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. Dissertação de mestrado. Porto Velho/RO: Fundação Universidade Federal de Rondônia/ UNIR, 2014.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro e PIMENTEL, Marília Lima. Wout, raketè, fwontyè, anpil mizèl: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. **Universitas Relações Internacionais, Brasília**, v. 12, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2014.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro e PIMENTEL, Marília Lima. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Travessia- Revista do Migrante**, nº 70, pg. 99-106, 2012.
- CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Parecer Consultivo OC/21-14**. 19 de agosto de 2014.
- CUCHE, Dennys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Paris, Editora Verbum, 1996.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro. Rocco,1981.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução a Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre. Bookman, 2004.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-Modernidade**. 9º ed. Rio de Janeiro. Dp&A. 2004.
- HEIDRICH, Gustavo. O Desafio das Escolas Brasileiras com Alunos Imigrantes. In: **Revista Nova Escola**. Edição 235. São Paulo. Editora Abril, setembro de 2010.
- LDB, **Leis de Diretrizes e Bases da Educação**. Artigo 24, cap. 2. 2006.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Sul: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

PETERS, B. G. **American Public Policy**. Chatam N.J., Chatam House. 1986.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo?** São Paulo. Editora Brasiliense. 1ª Edição, 1984.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1978.